

NOTAS FINAIS SOBRE O LIVRO DE PAULO SEARA

por Cristiana Oliveira

I

Ser ou não ser, eis a questão

(WILLIAM SHAKESPEARE)

Diz Paulo Seara para Nicanor Parra: “Se sou ou não poeta, não me importa muito / Sou um anti-poeta”. A abnegação declarada do estatuto de ser poeta não nega a sua condição; (re)afirma-a. O anti-poeta recusa-se a ser o poeta das esplanadas ou o poeta das consagrações postmortem: “Porque não sou mais poeta / E não façam de mim poeta depois.”. “Agônico e aborrecido”, o (anti-) poeta denuncia o marasmo de ser poeta vivo ou morto e exalta “uma poesia para o futuro.”.

II

*Não aceito mais as coisas que não posso mudar,
estou mudando as coisas que não posso aceitar.*

(ANGELA DAVIS)

“O grito encarnado” do poeta não é um grito de “pregadores da sopa aguada da batata”. É “um grito laringítico”, insurgente numa “audiência a engolir silêncio.”. A premissa de que é “Na lixeira temos que procurar o futuro” manifesta uma enorme lucidez e perspicácia do sujeito poético diante da sociedade “Weberiana”: “escravaturas individualizadas”; “clarões da televisão”; “pouca dignidade”; “luta de classes”; “idolatrismo”; “muros da ignorância”. A estupefação revoltosa perante “Uma estupidez civilizada, uma civilização estúpida / Que ferra com alfinetes

de ouro o seio da realidade.”. O “sabre da alienação” rompe “A sarapilheira das batatas perdidas.” e mutila o nome “Democracia”. Com os “pés nêvos” “Na suja água da abóbada irradiante.” pergunta-nos o poeta: “Não gostas do enxovalho do mundo!?”?

III

*O problema da emigração não é, porém, um problema-causa,
mas consequência de outro mais vasto e mais profundo.*

(FERREIRA DE CASTRO)

Há uma busca pela igualdade e o poeta busca o “sol dessa igualdade”. O poeta emigra e observa o caráter abrupto e dual dos contextos migratórios: “Nunca estive um dia no fundo de desemprego / Tu deves estar no rendimento mínimo”. A esquizofrenia comportamental do emigrante faz oscilar o poeta entre “O riso de Demócrito” e “A dor de Heráclito”. A revisitação das origens traça um roteiro pela ruralidade duriense e expressa um certo saudosismo: “Asfalem-me a estrada para a minha aldeia / Que em Agosto vou lá estar”. O imperativo, quase em súplica, do emigrante que quer voltar, mas que ainda não encontra asfalto para poder voltar.

IV

Olha que não há mais metafísica no mundo senão os chocolates.

(FERNANDO PESSOA)

“Às vezes é impossível medir o infinito” e a metafísica também. Só a “Glucose” pode medir o infinito: “O amor das crianças canta por bolo de chocolate; “Como ansiedades por chocolates de avelã”. Sem metafísica dos chocolates e “Sem glucose somos metade de um bilhete picotado.”.

N' O DIA GRANDE PARA GENTE PEQUENA “Voltaremos a aguardar o outono / Despido tempo da natureza e da inspiração”. Olharemos o céu infinito e absoluto, semeado por este poeta, e observaremos os pássaros na “gaiola dos horizontes”:

Os pássaros não são menos livres que nós
Para o absoluto batem as asas
Como pulsos desatados.

Porto, 2 de Agosto de 2023.